

DO DESENCANTO PELAS PALAVRAS E DA NECESSIDADE DE UM LÉXICO FILOSÓFICO MEDIEVAL PORTUGUÊS*

MARISA DAS NEVES HENRIQUES*

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma breve panorâmica dos estudos lexicográficos aplicados à filosofia medieval, de M.-D. Chenu a Paul Zumthor. Procura-se, através da análise do lexema *filosofia* num texto quatrocentista português, enfatizar o interesse do estudo das palavras para a compreensão da história das ideias filosóficas. À semelhança da investigação realizada para várias línguas europeias, urge criar em língua portuguesa um léxico filosófico medieval.

Palavras-chave: léxico, língua, pensamento, filosofia, filologia, *Boosco Deleytoso*

Abstract: This article presents a brief review of some lexicographic studies applied to medieval philosophy from M.-D. Chenu to Paul Zumthor. Our main purpose is to make an analysis of philosophy's lexeme in a Portuguese text of the fifteenth-century (*Boosco Deleytoso*), demonstrating the interest of some words study to understand the history of philosophical thought. Research work has been done in several European languages and it becomes an urgent need to make way for the constitution of a medieval philosophical vocabulary in Portuguese.

Key words: Lexicon, Language, Thought, Philosophy, Philology, *Boosco Deleytoso*

* Doutoranda da Secção de Filosofia do Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação (FLUC).

* Este artigo é decorrente da pesquisa efectuada no Verão de 2010 na Bibliothèque nationale de France e contou com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Doutoramento em Filosofia e Cultura Portuguesas.

Um novo espírito para a movência das palavras

“C’est dans l’esprit, uniquement dans l’esprit, qu’il faut chercher la cause des changements des langues et des vicissitudes des mots; ce qui lutte, s’associe, se supplante, ce ne sont pas les mots, absolument inertes en eux-mêmes, ce sont les idées qui en font leur expression.”¹

Gaston Paris, ao reflectir na sua época sobre a vida das palavras e sobre os factores externos que interferem sobre o seu comportamento semântico, incita-nos hoje a cruzar, por breves instantes, a leitura do auspicioso artigo de finais de Oitocentos com o olhar de E. Benveniste e com o trabalho de Zumthor, este último iniciado na década de 50 em torno de alguns lexemas do “vocabulário das ideias”.²

Interessado nas condições que uma língua oferece ao pensamento, o filólogo francês propõe já na altura o estudo do germen criador de novos sentidos, partindo do princípio que a ideia, mesmo se fundada em signos insatisfatórios, há-de escolher a expressão linguística certa. A seu tempo, Benveniste, convocando para a reflexão datada dos anos 60 o contributo fundacional de Aristóteles, procurará relacionar as categorias linguagem e pensamento,³ exercício que culmina na formulação de uma pergunta também apresentada (embora à margem) no artigo do ilustre filólogo – “avons-nous le moyen de reconnaître à la pensée des caractères qui lui soient propres et qui ne doivent rien à l’expression linguistique?”.

¹ Gaston PARIS, “La vie des mots”, *Mélanges Linguistiques*, publiés par Mario Roques, Fascicule II, Paris, 1906, p. 281-314. Convém talvez dizer que este texto é escrito sob a forma de recensão à obra de A. DARMESTETER, *La vie des mots étudiées dans leurs significations*, Paris, 1887.

² O seu interesse por estas matérias radica nos verbetes que elaborou para o *Französisches Etymologisches Wörterbuch*, coordenado por Walther VON WARTBURG, experiência que sistematiza em três artigos científicos. São eles: “Notes sur les champs sémantiques dans le vocabulaire des Idées”, *Neophilologus*, Julho, 1955, p. 175-183, onde Zumthor define o que entende por «vocabulário das ideias»: «J’entends par là l’ensemble des termes appartenant au registre sémantique des opérations intellectuelles, compris soit en elles-mêmes soit dans leur expression.»; id., “Notes sur les champs sémantiques dans le vocabulaire des Idées II”, *Neophilologus*, Outubro, 1955, p. 241-249; id., «Pour une histoire du vocabulaire français des idées», *Zeitschrift für romanische Philologie*, 1956, Band 72, 5/6, p. 340-362.

³ “Catégories de pensée et catégories de langue”, *Problèmes de linguistique générale*, Paris, 1966. Vide ainda E. GILSON, «Le Mot et le concept» e «La forme et le sens», in *Linguistique et Philosophie. Essai sur les constantes philosophiques du langage*,² Paris, 1981, p. 121-150 e p. 263-283, capítulos onde o autor estabelece um diálogo convergente com as posições de Benveniste.

O autor de *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* acaba por concluir com uma chave de leitura comum à de Gaston Paris: «L'essor de la pensée est lié bien plus étroitement aux capacités des hommes, aux conditions générales de la culture, à l'organisation de la société qu'à la nature particulière de la langue.»⁴

Talvez a Segunda Grande Guerra, que instaura transitoriamente uma atitude de cepticismo literário e artístico, materializado depois numa *Trümmerliteratur*, ou, recuando alguns séculos, as condições favoráveis ao florescimento literário da corte do Imperador Frederico II nos possam confirmar que a resposta não passa pelas carências da língua alemã nem tão pouco pela fortuna dos idiomas que coabitam no paço dos Hohenstaufen.

Com efeito, estamos em crer que, partindo de uma relação poliédrica e interdisciplinar, é possível encetar uma profícua análise do vocabulário medieval português relacionado com o plano intelectual⁵ quer no plano sincrónico, quer diacrónico, especialmente em sede filosófica. Assim, poder-se-á, por um lado, alcançar uma noção mais clarividente das limitações e oportunidades que se oferecem ao homem diante da língua do seu tempo e, por outro, averiguar a sua acção transformadora sobre ela, não perdendo de vista ainda assim que muito do que se escreveu de mais relevante em Portugal no âmbito da filosofia com repercussões além-fronteiras foi fixado pelo idioma do Lácio.

Sem a capacidade de síntese de Trier⁶ nem o optimismo de Matoré que, ainda na senda do filólogo alemão, crê reconhecer a estrutura sociológica de uma época através do vocabulário disponível,⁷ é possível averiguar com maior exactidão a utensilagem filosófica que um pensador medieval tem

⁴ BENVENISTE, *op. cit.*, p. 74.

⁵ A este nível, recorde-se a investigação desenvolvida por Olga Weijers que, com a sua comunicação de 1978 intitulada “Terminologie des universités naissantes. Etude sur le vocabulaire utilisé par l'institution nouvelle” marca um ponto de viragem nos estudos em torno desta área vocabular. Consulte-se, na sequência desse desafio, Mariken TEEUWEN (ed.), *The vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages*, Turnhout-Belgique, 2003, que se encontra dividido em quatro grandes áreas: vocabulário das escolas e das universidades; vocabulário associado ao livro e à sua produção; vocabulário relacionado com métodos de ensino, instrumentos e produção intelectual; designação das disciplinas, dos professores e dos alunos.

⁶ *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Geschichte eine sprachlichen Feld*, Heidelberg, 1931.

⁷ G. MATORÉ, *La méthode en lexicologie*, Paris, 1953, p. 50: “de l'étude du vocabulaire (...) nous essaierons d'expliquer une société. Aussi pourrons-nous définir la lexicologie comme une discipline sociologique utilisant le matériel linguistique que sont les mots.»

ao seu alcance para entrar (ou simplesmente ficar à ombreira da porta) na história da filosofia. Sucederá paulatinamente ao uso da língua franca com reconhecimento internacional uma opção insular, com uma intenção mais democrática talvez (não era esse o modo de Gerson catequizar com o seu *Doctrinal aux simples gens* os idiotas de *rustica lingua*?⁸), de onde vão nascer escritos originais e traduções de textos matriciais para a cultura europeia moderna.

Apaixonante, esta demanda quer na literatura, quer na filosofia, permite-nos, por exemplo, constatar que, das poucas palavras para dizer a tristeza,⁹ se há-de chegar a um campo semântico mais desenvolvido na poesia trovadoresca do século XII, dominada por paixões-limite, e que, em língua portuguesa, na sua fase de maioridade, D. Duarte, propenso a um “humor merencório”, distinguirá na prosa doutrinária do *Leal Conselheiro* a acédia,¹⁰ a tristeza e as demais paixões humanas.

Se tomarmos como bitola os estudos realizados sobre o vocabulário francês medieval, idioma com incontornável teorização a respeito desta matéria,¹¹ a par da reconstituição de vários campos semânticos, no âmbito

⁸ Vide o Prólogo de *Le livre des dix commandements de nostre Seigneur*, in Gilbert OUY, *Gerson bilingue*, Paris, 1998, p. 7: «Ceste briefve doctrine est ordonnee en especial pour quatre manieres de personnes : premierement pour les simples curéz prestres qui se meslent d'oïr confessions. Item pour les simples personnes autres, soient seculieres ou religieuses, qui n'oient point souvent parler des commandemens de Dieu en predication. Item pour les jeunes escoliers (...)»

⁹ Georges GOUGHENHEIM, *Les mots français dans l'histoire et dans la vie*, préface de Alain Rey, Paris, 2008, p. 274. Vide ainda nesta obra a secção “Recherches sur la fréquence et la disponibilité”, p. 255, onde se apresenta uma lista das principais palavras utilizadas para expressar sentimentos na *Chanson de Roland*. Doel e dulo são as mais usadas.

¹⁰ Sobre a história da palavra akédia, vide Pierre MIQUEL, *Lexique du désert. Étude de quelques mots-clés du vocabulaire monastique grec ancien*, Bégrolles-en-Mauges, 1986, p. 19-35.

¹¹ Reportando-nos a um leque que abrange a lexicologia, a lexicografia e a semântica, lembrem-se apenas a título ilustrativo e pessoal, os seguintes títulos: Jean BABITT, *Approches langagières de la société médiévale*, Caen, 1992; J. CHAURAND, *Introduction à l'histoire du vocabulaire français*, Paris, 1977; Pierre GUIRAUD, *La sémantique*, Paris, 1959, onde se faz uma sistematização das principais teorias semânticas; *id.*, *Histoire et structure du lexique français*, Paris, 1982; I. TAMBA (ed.), *Études de lexicologie, lexicographie et syntactique. Textes offertes en hommage à Georges Mattoré*, 1987; S. ULLMANN, *Précis de sémantique française*, Berne, 1953.

da linguística,¹² da literatura,¹³ e da história,¹⁴ veremos até onde nos pode levar a comparação entre as estruturas simbólicas do poder, associadas a determinados espaços e agentes, a língua em que emergem, a evolução e a caducidade das ideias, que ditam a vida e a morte de muitas palavras. Na verdade, Hemming adverte-nos para os perigos de se estudar o léxico plasmando-o num olhar moderno¹⁵ que o desvirtue, aviso à navegação semelhante ao do discípulo de Trier quando se refere à singular concepção de *inteligência* nos séculos XII e XIII,¹⁶ diferente daquela que actualmente circula no universo oral e escrito.

Ora, recordando parte do título deste texto, lembremos que devolver o encanto às palavras implica o conhecimento dos seus segredos, da sua origem etimológica e dos seus movimentos de deriva semântica, até porque é ao grego, ao latim e ao árabe que as jovens línguas vernáculas recorrem ao início para se dotarem de uma terminologia científica, que, aos poucos, afinam e alteram. Como é sabido, a *Vulgata* apresenta-se como um veículo de irradiação linguística fundamental,¹⁷ que há-de impregnar a mentalidade e as redes intertextuais medievais de modo indelével, tal como o vocabulário religioso alimentará a ciência política medieval.¹⁸ Conseguiremos nós um dia ver de que forma a *Bíblia Medieval* portuguesa impregnou os textos e a mentalidade dos fiéis e dos que dominavam a escrita?

¹² Salientem-se Otto DUCHÁČEK, *Le Champ conceptuel de la beauté en français moderne*, Paris, 1960, que começa por escarpelizar o binómio *beau-joli*, também analisado por Gaston Paris, em *art. cit.*, para ilustrar a criação de uma nova palavra para um conceito que diferia já do adjectivo de matriz clássica; e P. A. MESSELAAR, *Le vocabulaire des idées dans le 'Trésor' de Brunet Latin*, Assen, 1963.

¹³ G. PARÉ, *Le Roman de la Rose et la scolastique courtoise*, Paris-Ottawa, 1941; H.E.KELLER, *Étude descriptive sur le vocabulaire de Wace*, Berlin, 1953; Glyn BURGUESS, *Contribution à l'étude du vocabulaire pré-courtois*, Genève, 1970; Jacqueline PICOHE, *Le vocabulaire psychologique dans les Chroniques de Froissart*, Paris, 1976; Denise MCCLELLAND, *Le Vocabulaire des Lais de Marie de France*, Ottawa, 1977.

¹⁴ March BLOCH, *La société féodale*, Paris, 1939; K. J. HOLLYMAN, *Le développement du vocabulaire féodal en France pendant le Haut Moyen Age: étude sémantique*, Haute-Savoie, 1957.

¹⁵ T. D. HEMMING, "Lexicology and old french", *Modern Language Review*, Outubro 1968, vol. 63, p. 818-823.

¹⁶ G. MATTORÉ, *Le Vocabulaire et la Société Médiévale*, Paris, 1985, p. 73.

¹⁷ J. TRENEL, *L'Ancien Testament et la Langue française du Moyen Age* (VIII-XV siècle), Paris, 1904 (reimpr. Genève, 1968).

¹⁸ Vide Olivier BERTRAND, *Du vocabulaire religieux à la théorie politique en France au XIVe siècle. Les néologismes chez les traducteurs de Charles V (1364-1380)*, Paris, 2004.

O surgimento de linguagens específicas, mais acutilante com o desenvolvimento e a superação das áreas compendiadas pelas sete artes liberais, e aliado à tradução para as línguas vernáculas, cuja escrita amadurece face a esse enriquecimento terminológico, permite a disseminação de novos termos, mas também instaura uma consciência metalinguística perante as dificuldades subsistentes. Nicolau de Oresme é uma dessas vozes que, na dupla qualidade de tradutor e de divulgador, experiencia o verdor da língua francesa.

Testemunho das mutações sociais vividas na sua época, este normando, verdadeiro *self-made man*, que desenvolve um notável labor intelectual ao serviço de Carlos V, deixa notas reflexivas bastante úteis para a história da língua francesa e da tradução, em geral. Entre as suas várias obras em latim e em francês, contam-se o *Traité des monnoies*,¹⁹ seiva de uma área vocabular recente, e um *Livre des Divinacions*, revelador do seu gosto pela astrologia e da preocupação em depurá-la.

Mais conhecido como tradutor de Aristóteles, a ingente tarefa que não só o impele a ser criativo,²⁰ modelando a sua língua de trabalho²¹ e reflectindo sobre as suas misérias e oportunidades,²² como a construir materiais de apoio à leitura dos textos traduzidos – glosas,²³ tábuas de matérias, glossários. A esta percepção de que o leitor deve ser auxiliado acresce o cuidado de não desvirtuar o pensamento aristotélico,²⁴ traído,

¹⁹ *Traité monétaire*, édition trilingue juxtaposée, sous la dir. de Jacqueline A. Fau, Paris, 1990.

²⁰ Thomas STÄDTLER, “Le traducteur, créateur de néologismes: le cas de Nicole Oresme”, in Olivier BERTRAND *et alii* (ed.), *Lexiques scientifiques et techniques. Constitution et approche historique*, Palaiseau, 2007, p. 47-61.

²¹ Sobre o enriquecimento lexical da língua francesa pelo punho de Oresme, vide F.-J MEISSNER, “Maistre Nicolas Oresme et la lexicographie française”, *Cahiers de lexicologie* publiés par Bernard Quemada, 1982, vol. XL, p. 51-66.

²² É paradigmático o proémio aos *Livres de ethiques et politiques*, de fácil consulta em linha através da Gallica, que reproduz um manuscrito de 1488 (<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109464g>) ou através de *Le livre de étique d’Aristote*, ed. de Albert Menut, New York, 1940.

²³ Vide Susan M. BABBITT, *Oresme’s Livre de Politiques and the France of Charles V*, Philadelphia, 1985, especialmente p. 10-13.

²⁴ Nicolau ORESME, Prólogo de *Le Livre du ciel et du monde*, translation of Albert Menut, Madison-London, 1968, p. 38: «Ou nom de Dieu, ci commence le livre d’Aristote appelé Du ciel et du monde, lequel du commandement de tres souverain et tres excellent prince Charles, quint de cest nom, par le grace de Dieu roy de France, desirant et amant toutes nobles sciences, je, Nychole Oresme, doien de l’eglise de Rouen, propose translater et exposer en françoys. Et est cest livre ainsi intitulé pour les .iiii. elements contenus dedens le ciel et souz le ciel, quar autrement et communelment en cest livre, cest nom est pris pour toute la masse du ciel et des .iiii. elements ensemble.»

às vezes, por um rasgo de interpretação pessoal²⁵ ou por “defeito” de formação.²⁶ Na hora de incentivar o auditório a penetrar no *De caelo et mundo* e de saborear o seu conteúdo científico, o tom de entusiasmo é tão grande²⁷ quanto a consciência de que oferece ao idioma de Carlos V uma valorosa oferta. Da mesma forma, o monarca, apologista da promoção da língua francesa a prestigiado meio de acesso à cultura, é um dos primeiros a entender a livreria real como bem público, transitável apenas para aquele que tiver a seu cargo o governo da nação.²⁸

Professor no Colégio de Navarra, em Paris, Oresme é um mediador entre a universidade e a corte,²⁹ aspecto determinante quando se pensa na emergência da filosofia laica sob patrocínio régio e em estreita dependência com as línguas vernáculas emergentes. É tendo em mente esta desafiadora tríade que nos parágrafos seguintes propomos uma companhia feminina para a noiva de Mercúrio.

De Chenu a Zumthor: a reescrita do destino da Filologia

Mercúrio não deve casar-se com a Filologia. O destino da nubente deverá quebrar-se pela sua associação a outras esferas do conhecimento

²⁵ Vide Jeannine QUILLET, «Quelques aspects de l'idée de bonheur selon Nicole Oresme», in id. (ed.), *Autour de Nicole Oresme. Actes du Colloque Oresme*, Paris, 1990, p. 235-245, onde a autora reflecte sobre a marca pessoal de Oresme na tradução da *Ética* a Nicómaco, perpassada pela nem sempre fácil conciliação da doutrina aristotélica com a concepção cristã de felicidade.

²⁶ Assim se explica que na tradução do *De caelo*, op. cit., Oresme introduza nas últimas páginas do Livro IV capítulos da sua lavra: “Le .xii. chapitre est en especial du corps de Jhesucrist.”

²⁷ Nicolau ORESME, *Le Livre du ciel et du monde*, op. cit., p. 730: «Et pour animer, exciter et esmouvoir les cuers des jeunes hommes qui ont subtilz et nobles engins et desir de science, afin que il estudient a dire encontre et a moy reprendre pour amour et affection de verite, j'ose dire et me faiz fort que il n'est homme mortel qui onques veist plus bel nei meilleur livre de philosophie naturelle que est celui (...).»

²⁸ Leia-se Françoise AUTRAND, *Charles V le Sage*, Paris, 1994, p. 719.

²⁹ Susan BABBITT, op. cit., p. 147, di-lo com mais propriedade que nós: “Oresme was like his predecessors [aqueles que ficaram de forma indelével ligados à tradição comentarística da *Política*] a university man, but he was also the king's man, and wrote the first commentary meant largely for laymen. Thus his glosses, though neither brilliant nor influential, are outstanding in their application to contemporary life.”

Para se perceber como a acção intelectual de Oresme contemporizava com a de alguns dos eminentes professores das universidades de Paris e de Oxford, vide Thomas BRADWARDINE, *Traité des rapports entre les rapidités dans les mouvements* suivi de Nicole Oresme *Sur les rapports de rapports*, intr., trad. et commentaires par Sabine Rommevaux, Paris, 2010.

humano como a filosofia, com quem, por certo, travará um fecundo diálogo, tantas vezes adiado. Infelizmente, esta é uma velha admoestação a que poucos ainda deram ouvidos entre nós, mas pela qual vale a pena batermo-nos em português.

Em 1927, Marie-Dominique Chenu³⁰ denunciava a inconsistência da investigação lexicográfica aplicada até então à filosofia medieval, numa dupla vertente (1º: análise e classificação dos conceitos de acordo com o seu sentido; 2º: origem dos conceitos) e aguardava esperançado a emergência de obras que coligissem materiais para a criação (quem sabe pela sua mão) de um *Vocabulaire historique de la langue philosophique médiévale*. Obviamente que pensava no latim, língua universal nos meios intelectuais, mas nem por isso imune a expansões, reduções, contágios semânticos, para referir apenas algumas das possíveis vias de mudança ou de reorientação dos sentidos das palavras.

Valorizando a travessia histórica dos vocábulos, o Dominicano examina neste artigo de finais dos anos 20 os termos *collectio e collatio* – desde o valor atribuído a homóloga palavra grega pelo Estagirita até aos múltiplos exercícios de estropiamento e de re-sematização, para chegar a ilações sobre o contexto de recepção do Aristóteles latino e, como é seu apanágio, daí extrair elementos para a história da filosofia medieval.

No precioso volume saído a lume em 2001 que reúne as suas principais aportações à lexicografia no âmbito da filosofia,³¹ distribuídas por estudos esparsos ao longo de décadas, damos conta desde logo que Chenu nunca escondeu o seu fascínio pelo uso da filologia na sua tarefa de historiador. Mais do que fixar-se na semântica, era a sua acérrima defesa pelo método histórico (que viria a dominar não sem algumas resistências as ciências sociais desde o século XIX) que o impelia a estribar no mesmo plano actancial a língua e as ideias em devir, como afirma Giacinto Spinoso na sua magnífica introdução³² à obra. No estudo consignado a S. Tomás, Chenu dedica um capítulo à língua e ao vocabulário do Aquinate,³³ inspirador para qualquer estudioso interessado por esta área. Relembremos somente a última nota de trabalho, que remata o capítulo:

³⁰ “Notes de lexicographie philosophique médiévale”, *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, 1927, 16, p. 435-446.

³¹ Marie-Dominique CHENU, *Studi di lessicografia filosofica medievale*, a cura e con un saggio introduttivo di Giacinto Spinoso, Firenze, 2001.

³² Marie-Dominique CHENU, *Studi di lessicografia filosofica medievale*, op. cit., p. 33.

³³ Cf. Cap. III, *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*, Montréal-Paris, 1954, p. 84-105.

“Là et ailleurs, noter que l’on assista, dès le XII siècle, à deux opérations contraires : d’une part en effort de discernement, de précision, de définition conceptuelle ; d’autre part, l’utilisation de dossiers patristiques, qui ramène à chaque instant des vocables primitifs confus, des emplois impropres, des comparaisons flottantes, mais tout cela riche d’expérience humaine et chrétienne.”³⁴

Todas as razões assistiam a Chenu para lançar estas notas, todas elas promissoras e cobrando-nos a dívida que ainda hoje lhe devemos. Apropriando-se o Cristianismo de um legado cultural e linguístico que podia descaracterizá-lo, caso não vislumbrasse antes a sua superação, aquilo que os tempos modernos encontram é uma odisséia onde imbricação, redução e ampliação semântica se cruzam com fluidez e plasticidade.

Ponto de chegada semelhante almejava Dom Jean Leclercq, outro nome que importa reter, e cujos estudos semânticos,³⁵ portadores de valiosas pistas metodológicas e decisivos para o conhecimento da espiritualidade monástica, são uma consequência do seu vivo interesse pela *theologia affectiva*³⁶ em contexto monástico. De novo, e tal como vimos no caso do historiador dominicano, temos a compreensão de formas sistêmicas de pensamento à luz da identificação das palavras que lhe dão vida, como salienta o ilustre beneditino: “Assister à cette continuité de l’expression, c’est entrevoir un peu du développement des institutions, des idées, de leurs progrès, de leurs déviations, de leurs crises, de leurs renouveaux. L’histoire des mots est un reflet de la vie.”³⁷

Filosofia é um lexema com matizes especiais na espiritualidade monástica a que Leclercq dá especial atenção no seu livro de 1961, embora já tivesse conferido, anos antes, algumas páginas à problemática expressão “filosofia cristã”.³⁸ Numa curiosa sintonia temporal, Anne-Marie Malingrey publica, no mesmo ano em que sai a lume a obra do erudito, investigação aprofundada sobre a polissemia do lexema e dos seus correlatos na literatura secular e cristã até ao séc. IV.³⁹ Ambos os

³⁴ *Introduction à l’étude de Saint Thomas d’Aquin, op. cit.*, p.105.

³⁵ *Études sur le vocabulaire monastique au Moyen âge*, Romae, 1961; id., *Otia monastica. Études sur le vocabulaire de la contemplation au Moyen âge*, Romae, 1963.

³⁶ Vide a incontornável obra *L’amour des lettres et le désir de Dieu*⁴, Paris, 2008.

³⁷ *Études sur le vocabulaire monastique au Moyen âge, op. cit.*, p. 1.

³⁸ “Pour l’histoire de l’expression «Philosophie chrétienne», *Mélanges de Science Religieuse*, IX, Dezembro 1952, p. 221-226.

³⁹ *Philosophia. Étude d’une groupe de mots dans la littérature grecque, des Préocratiques au IVe siècle après J.-C.*, Paris, 1961. (Trata-se da Tese de doutoramento da autora que, ao que parece, terá precedido a obra de Jean Leclercq, uma vez que ela não surge na bibliografia geral.)

estudiosos sublinham a errância de *filosofia* pela tradição da Antiguidade Clássica e da Patrística, bem como as conotações que o lexema adquire pela mão da Cristandade e do monaquismo, através de um movimento sincrético que o alia tanto a um modo de vida, como ao conhecimento teórico.

À luz destes dados de natureza semântica, com implicações profundas no pensar e na organização dos saberes, podemos antever o sucesso de aplicação do modelo ao mapeamento do lexema *philosophia* em Bernardo de Claraval⁴⁰ e a sua projecção na espiritualidade cisterciense, sabendo que ela corresponde ao ideal monástico gizado por Leclercq.⁴¹ O resultado será por certo o de uma nova busca que se prende ora com a confirmação ou infirmação dessa linha semântica com a vigente no tempo em que o autor se inscreve, no claustro e nas escolas, ora com os lexemas que aparentemente se lhe opõem – *fides*, *affectus*, *sapientia*, *divina scientia*, *sacra pagina*,⁴² entre outros. Indo ao encontro da história da filosofia que segundo Flasch interessa reter,⁴³ estaremos mais bem apetrechados para compreender a pugna entre Bernardo de Claraval e Abelardo, em que se entrecrocavam concepções de filosofia e de teologia distintas, bem como visões de filósofos⁴⁴ e teólogos nem sempre conciliáveis.

Voltando a Paul Zumthor, e ao seu contributo para o destrinçar dos campos semânticos relacionados com a história das ideias, vejamos de que forma organiza o verbete *philosophia* do *FEW*.⁴⁵

⁴⁰ Guy LARDREAU, «Amour philosophique et amour spirituel» in Remi BRAGUE (dir.), *Saint Bernard et la philosophie*, Paris, 1993, p.27-48.

⁴¹ Vide ainda M. B. PRANGER, *Bernard of Clairvaux and the shape of monastic thought: broken dreams*, Leiden-Köln, 1995, caps. 2 e 4, onde se analisa a linguagem e a forma de expressão de S. Bernardo – assente na afectividade e na criação de imagens – sem perder de vista a sua filiação monástica.

⁴² Joseph de GHELLICK, ««Pagina» et «Sacra Pagina». Histoire d'un mot et transformation de l'objet primitivement désigné», in AA.VV., *Mélanges Auguste Pelzer. Etudes d'histoire littéraire de la Scolastique médiévale offertes à Monseigneur Auguste Pelzer*, Louvain, 1947, p. 23-60.

⁴³ *Introduction à la philosophie médiévale*, trad. de l'allemand par Janine de Bourgnicht, Paris, 1998, cap. VII – Science traditionnelle ou renouveau: les traditionalistes contre Abélard, p. 90-107.

⁴⁴ G. BARDY, «Philosophia et philosophi dans le vocabulaire chrétien des premiers siècles», *Revue d'Ascétique et de Mystique*, 1949, T. XXV, p. 97-108; e J. LECLERCQ, «Excursus VI. Monachisme et théologie», *Études sur le vocabulaire monastique du Moyen Age*, op. cit., p.70-79.

⁴⁵ «Philosophia», in W. VON WARTBURG (dir.), *FEW*, Paris, 1957, Band, VIII/1. Teil, p. 385-387.

philosophia sciencie et sagesse.

1.a Afr. mfr. *philosophie* f. “ensemble de disciplines spéculatives comprenant la logique, la morale, la physique et la métaphysique, dont l’enseignement et l’étude, fondées sur les Auctores, succédaient à ceux des arts libéraux.» (...)

b. α. Mfr. frm. *philosophie* f. “la science, sous son aspect supérieur et général, recherche de la vérité universelle des choses naturelles, humaines et divines (...)

2. Afr. mfr. *philosophie* f. «sagesse profonde, consistant dans l’amour de la vérité et la pratique de la vertu» (...)

Lt. PHILOSOPHIA, pris du grec à l’époque classique, a été emprunté dans les langues modernes par le vocabulaire des écoles. Sa double polarisation sémantique (Zm Voc 38) se manifeste en fr. par une distinction assez nette entre deux séries de valeurs (1 et 2). En afr. mfr., le mot désigne un groupe de disciplines scolaires recouvrant l’ensemble des sciences théoriques et pratiques (1a) et un sagesse fondée sur la méditation»(...)

A citação é um pouco longa, mas vale a pena trazê-la a lume, não só porque Zumthor regista as duas principais acepções de filosofia – uma que se aproxima do uso hodierno (1), outra com larga difusão nas esferas monásticas (2), como assinala a importação do termo latino, ancorado ao vocabulário das escolas. Detenhamo-nos, no entanto, na segunda abonação do lexema que coloca a filosofia no eixo de uma dada forma de vida, tendencialmente ascética e virtuosa, como relembra Gregorio Penco⁴⁶ e com foros de atractividade para os humanistas, nomeadamente para Petrarca.

Se lermos os compêndios medievais de filosofia,⁴⁷ constatamos que mesmo nos meios universitários circulava uma definição que imputava a esta *scientia* a regulação dos costumes:

“A parte nominis ponuntur 4, ut scribitur in libro *Secundarum epistularum* Senece, quarum prima est hec: Philosophia est amor sapientie, dicta a *philos*, quod est ‘amor’, et *sophia*, ‘sapientia’. Secunda est: *Philosophia est amor recte rationis*. Tertia est *Philosophia est studium virtutis*. Quarta est: *Philosophia est studium corrigende mentis*. (...) Tertiam ponit Ysidorus in tertio Ethimologiarum: Philosophia est scientia scientiarum, ars artium;»⁴⁸

⁴⁶ Gregorio PENCO, “La vita ascetica come “filosofia” nell’antica tradizione monastica”, *Studia Monastica*, 1960, II, p. 79-93.

⁴⁷ Claude LAFLEUR, *Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle*, Paris-Montréal, 1988.

⁴⁸ Arnulfi Provincialis, *Divisio Scientiarum*, in Claude LAFLEUR, *op. cit.*, p.306-307, p.309.

A filosofia como desinteressada opção de vida arredia do saber profano – que se superava a si própria para conduzir à verdadeira filosofia – surgiria, então, a par da disciplina propedêutica que agitava os espíritos na Faculdade de Artes e provocava desconfiança entre os teólogos.

A filosofia em língua portuguesa

Não obstante, pensando agora na nossa língua, e porque a história da filosofia não se constrói apenas em torno de grandes vultos, retomemos o lexema *filosofia*, a partir da leitura do *Boosco Deleytoso*, texto quatrocentista de autor anónimo, que conheceu a sua primeira impressão apenas em 1515. Esta obra reveste-se de uma dupla virtualidade para a análise aqui esboçada: 1) o *Boosco* é em parte tradução literal do *De Vita Solitaria* de Petrarca,⁴⁹ o que nos leva a cotejar o texto original, em latim,⁵⁰ com o texto de chegada; 2) as passagens escritas *motu proprio* pelo anónimo português, que não se furtam ao uso do lexema *filosofia*, permitem-nos verificar a sua consonância ou não com o sentido petrarquista, bem como os efeitos pragmáticos dessa intertextualidade.

O ambiente de produção dos dois textos é, por certo, diferente. Petrarca, precursor do humanismo italiano, enformado pelo reconfortante *otium* intelectual⁵¹ e portador de uma bagagem erudita, fala das delícias da solidão acompanhado de uma tradição literária e filosófica sobre o tema, ao passo que o nosso anónimo, desprezando o conhecimento mundano e traduzindo canhestramente até alguns dos passos do *De Vita Solitaria*, estará provavelmente ligado ao recolhimento de um *scriptorium*. Porém, motivado por fins religiosos a escrever *em linguagem* para entrar no coração dos candidatos à messe, o autor português descreve o percurso da alma até ao Além, nota pessoal do *Boosco*, em moldes ascéticos. Pese embora estas divergências, as linhas iniciais do Livro I do *De Vita Solitaria* soariam a música no coração dos servidores de Deus determinados em resgatar do desamparo terreal a clamorosa alma dos laicos, não fosse Petrarca um dos marcos da espiritualidade europeia da época.⁵²

⁴⁹ Mário Martins foi o primeiro a realizar uma leitura comparada das duas obras no artigo “Petrarca no «Boosco Deleytoso», *Brotéria*, 1944, vol. XXXVIII, p. 361-373.

⁵⁰ Edições seguida: *De Vita Solitaria*, ed. bilingue, introd., trad. et notes de Christophe Carraud, Grenoble, 1999; *Boosco Deleytoso*, edição de Augusto Magne, Rio de Janeiro, 1950.

⁵¹ *De Vita Solitaria*, ed. cit., Livro I, III, 19: “Equidem solitudo sine literis exilium est, carcer, equuleus; adhibe literas – patria est, libertas, delectatio.”

⁵² Rita MARNOTO, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo*, Coimbra, 1997, p. 30-35.

Passemos, então, à brevíssima leitura comparativa dos dois textos, focada nas sete ocorrências de *filosofia*, sendo que algumas delas não têm correspondência directa na obra de Petrarca, aspecto assinalado na tabela apresentada. Nas transcrições, optámos por não isolar o lexema,⁵³ porque as palavras que lhe são contíguas, tal como o seu contexto, nos elucidam muitas vezes acerca da literalidade do texto português ou podem indiciar propriedades semânticas valiosas para a reconstrução macrotextual da definição de filosofia. Na coluna da esquerda colocamos as referências à obra portuguesa, em virtude de ser o texto de chegada.

Lexema	<i>Boosco Deleytoso</i>	Localização na obra	<i>De Vita Solitaria</i>	Localização na obra
Filosofia	“as ciências mundanaas e tôda a filosofia do mundo”	cap.LVII	_____	
	“a filosofia e sabedoria do mundo”	cap.LXXIII	“philosophia mundique sapientia”	Livro II, I, 9
	“faz nobre a filosofia”	cap.XCI	“philosophiam”	Livro II, XII, 14
	“a verbosa filosofia de Grécia”	cap.XCVI	“verbosam Grecie philosophiam”	Livro II, XI, 4
	“estudo de filosofia”	cap.C	“philosophie studium”	Livro II, XII, 11
	“a mais alta filosofia”	cap.CX	_____	
	“filosofia mundanal”	cap.CXXXIX	_____	

Que conclusões provisórias poderemos retirar destes dados, sem perder de vista a leitura integral das duas obras? No *De Vita Solitaria*, a filosofia, travando um diálogo com a corrente estoica, representa o saber nobre da

53 Seguimos Paul ZUMTHOR, «FR. Étymologie (essai d’histoire sémantique)», *Etymologica. Walther von Wartburg zum siebzigsten Geburtstag*, Tübingen, 1958, p. 874: «Le mot appartenant au vocabulaire des idées devra être saisi dans un syntagme, ou du moins dans «son état syntagmatique» réel (détermination ou indétermination, singularité ou pluralité, etc. dans chaque cas particulier). Isoler le mot de ses «réalisations» syntaxiques, c’est courir le risque de lui enlever une bonne part de son caractère d’objectivité propre ; c’est courir le risque de ne retenir de lui que la subjectivité qu’il partage avec l’idée dont il fut originellement l’expression chez tel ou tel individu. C’est dire à quel point, pour l’étude de ce vocabulaire, les dictionnaires constituent un instrument suspect;»

Antiguidade clássica, suportado por nomes como Cícero e Séneca, que aliam o estudo à virtude, face mais viva da sabedoria experienciada fora dos livros. O homem culto e cultivável⁵⁴ entregar-se-á de bom grado à solidão num exercício de auto-conhecimento que o conduz à verdadeira filosofia,⁵⁵ aquela que aplaca as paixões e, alimentando uma atitude de *contemptus mundi*, torna possível a *opus restaurationis*. Segundo Petrarca, verdadeiros filósofos são os que “exhibeant amorem studiumque sapientie”⁵⁶ entendendo-se, ao longo da obra, que a vida filosófica⁵⁷ se compagina com este ideal do solitário cristão, entregue ao silêncio e à meditação tranquila.

Por seu turno, o anónimo português, nas três ocorrências do lexema que não têm correspondência directa com o original, associa a filosofia às ciências seculares, presas à mundaneidade e ecoando o velho temor de S. Paulo (*Scientia inflat.*) Não se afasta, no entanto, do texto-fonte que, registando no total dez ocorrências do lexema, distingue também a páginas tantas filosofia humanal (“a verbosam Grecie philosophiam”) de “philosophiam totam.”⁵⁸

Detenhamo-nos no contexto em que o lexema aparece no capítulo CX do *Boosco Deleytoso*, sob a chancela do anónimo português:

“— Filho, esta é a mais alta sabedoria e a mais alta filosofia, e mais proveitosa que tôdalas outras sabedorias, ca esta é a memória e relembração da morte. E esta é aquela em que se revolve tôda a vida dos sabedores, e assi o diz o mui antigo e alto filosofo Dom Platom, que tôda a vida dos sabedores é nembrar-se e pensar na morte, que per esta nembrança fugem os pecados. E esta faz o homem despreçar o mundo e faz reger dereitamente a vida presente, e esta leva a deanteira antre tôdalas obras de Deus; esta é a que remata tôdolos pecados.”

A filosofia, como meditação da morte e supra-consciência da miséria humana, percorre vários florilégios medievais não constituindo qualquer novidade a sua referência no *Boosco*. É, alias, na esperança de um porvir

⁵⁴ Não resistimos a transcrever algumas breves linhas do Prefácio do *De Vita Solitaria*, ed. cit., que o atestam: “De his autem loquor, qui litteris impediti et onerati potius quam ornati, rem pulcerrimam, scire, turpidissimis moribus miscuerunt, tanta animi vanitate, ut scholas nunquam vidisse multo melius fuerit; qui hoc unum ibi didicerunt, superbire et literarum fiducia vaniores esse cunctis hominibus;” (§9, p.32 e 34)

⁵⁵ Petrarca, ao falar da “humane philosophie” traz à colação o nome de Plotino e a sua distinção das virtudes (Livro I, IV, 12-15).

⁵⁶ *De Vita Solitaria*, ed. cit., Livro II, XII, 1.

⁵⁷ *De Vita Solitaria*, ed. cit., Livro II, III, 5.

⁵⁸ *De Vita Solitaria*, ed. cit., Livro II, XIII, 13.

salvífico que todas elas assentam. O que importa assinalar é que tanto na Itália de Trezentos com Petrarca, como em finais do século XIV em Portugal, num texto que testemunha as condições de recepção do *De Vita Solitaria*, e num tempo em que as universidades arvoraram já a relativa autonomização dos saberes, confluem duas definições de filosofia – uma com raízes no monaquismo, outra ligada ao saber escolástico, especulativo e teórico.

O triunfo da filosofia como *modus vivendi*, presente já na literatura dos Padres do Deserto e ainda vigente na literatura de Trezentos e de Quatrocentos, ajuda-nos assim a compreender o olhar de desconfiança lançado por ascéticos e autores monásticos em relação à *res* filosófica tomada, muitas vezes, apenas por uma das suas partes (a lógica, a dialéctica) e pelos seus mais aguerridos contendores. Da outra face da moeda – a de Petrarca – temos o envergar humanista da filosofia com forma de ser,⁵⁹ que rejeita todos os fogos-fátuos da aparente erudição e da soberba.

A necessidade de um léxico filosófico medieval português

Em Portugal, não há praticamente investigação nesta área, desde logo porque na edição crítica de obras literárias medievais negligenciamos a inclusão de glossários com termos relevantes para a história das ideias e, *stricto sensu*, úteis para a investigação histórico-filosófica. Mais: a existirem, estes louváveis instrumentos satisfazem desígnios filológicos, que se prendem, muitas vezes, com questões imediatas de leitura⁶⁰ e envidam a produção de investigação sistémica.

Apesar de dispormos de vários dicionários do português medieval, nomeadamente em CD-ROM,⁶¹ subsiste a carência de instrumentos de trabalho vocacionados para o trabalho filosófico, seja no deslindamento do léxico de um autor, seja de uma dada época. Daí que por enquanto, no domínio da filosofia, nos pareça comprometido o cotejo de campos

⁵⁹ Vide a proveitosa lição de Juliusz DOMÁNSKI, *La philosophie, théorie ou manière de vivre ? Les controverses de l'Antiquité à la Renaissance*, Paris, 1996.

⁶⁰ Joseph Piel foi um dos primeiros estudiosos a preocupar-se com esta dimensão nas suas edições do *Livro dos Offícios* e do *Livro da Ensinança de Bem cavalgar toda sela*, ao “reunir os vocábulos que podem oferecer algum interesse no ponto de vista lexicográfico.” (Cf. *Livro da Ensinança de Bem cavalgar toda sela que fez el-rey Dom Duarte*, edição crítica de Joseph Piel, Lisboa, 1986, p. XVII.)

⁶¹ *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*, Rio de Janeiro, 2007. Esta obra é uma ferramenta de trabalho muito útil, dada a abrangência do *corpus* de textos seleccionado, de que apenas citamos algumas com interesse para a história da filosofia em Portugal: *Boosco Deleytoso*, *Leal Conselheiro*, *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, *Orto do Esposo*, *Vita Christi*...

semânticos da língua portuguesa com as suas congéneres europeias, na medida em que nos falta inventariar o nosso vocabulário filosófico de eras recuadas, sobretudo num momento fulcral tantas vezes menosprezado – o da dotação da nossa língua de um léxico abstracto.

O exemplo mais recente é-nos dado pela edição do *Orto do Esposo* que dispõe de lexemas relevantes no âmbito da história da filosofia em Portugal infelizmente descurados, porque não se prosseguiu o esforço de constituição de um glossário iniciado por Bertil Maler nos anos 60.⁶² Quão prestimoso seria esse instrumento para a análise da persistência do vocabulário da teologia monástica em Portugal no século XV!

Afastando a imagem do cemitério de palavras, Alain Rey recorda com vivacidade o tributo que prestamos à língua e aos sistemas filosóficos,⁶³ ao catalogar e analisar o léxico, naquele que poderá ser também um serviço prestado ao futuro.

Ainda antes de entrarmos no espírito iluminista, das enciclopédias, do gosto pela lexicografia e pela criação de vocabulários e de obras metatextuais, que nos fornecem múltiplas pistas, cumpriria talvez, numa atitude transversal e dinâmica, cruzar informação de variados materiais, por regra analisados isoladamente.

Deveríamos quiçá encetar a tarefa analisando os dicionários e glossários de âmbito filosófico, ou que contemplam palavras com interesse para a história da filosofia, que jazem adormecidos nas nossas bibliotecas, nomeadamente nas da Universidade de Coimbra. A este passo deveria agregar-se ainda o estudo de recepção de obras traduzidas e a consulta dos acervos bibliográficos existentes (com especial atenção os catálogos do livro antigo) para melhor compreendermos a impregnação (ou a simples carência) de determinada área vocabular numa época concreta.

⁶² *Orto do Esposo*, correcções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados, Stockholm-Göteborg-Uppsala, 1964, vol. III.

⁶³ “Lexico-logiques, discours, lexiques et terminologies philosophiques”, in André JACOB (dir.), *L’Univers philosophique*, Paris, 1989, p.78: «Si les signes du langage sont les pierres tombales du concept, il ne suffit certes pas de déchiffrer leurs inscriptions étranges ou effacées pour susciter la résurrection des corps. Mais le texte ni le dictionnaire ne sont des cimetières : les significations et leurs durcissements lexicaux sont toujours aptes à revivre, autrement sans doute que lors de la mise en discours. L’individualité de la parole, fondée en socialité de règles et d’unités, prend sa revanche par l’assignation de sémantismes neufs, et de valeurs données à certaines formes (mots ou expressions) qui accèdent ainsi à l’ustensilité sociale du terme. Cette œuvre d’élaboration terminologique désigne les créateurs, qu’il s’agisse des «grands philosophes» ou de «doctrinaires oubliées»; elle est ensuite travaillée, reprise, modifiée par les commentateurs, les herméneutes, enfin fixée par les didacticiens, définisseurs, lexicographes.»

Que consequências advêm, por exemplo, da tradução do *De Officiis* por D. Pedro,⁶⁴ em especial da definição de filosofia aí veiculada, para a cultura portuguesa? Que tradição reflecte o verbete sobre a *alma*⁶⁵ do *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau? De que modo o culto em torno das obras de Wiclif chegadas ao porto de Lisboa se disseminou no vocabulário filosófico em língua portuguesa? Em que medida o lexema *ciência* apresentado no *Boosco Deleytoso* representa um retrocesso ou uma aproximação às correntes teológico-filosóficas europeias de Quatrocentos e de Quinhentos?

Talvez quebrando a tendência de se estudar, em primeira instância, a filosofia em latim produzida entre nós e o preconceito segundo o qual os escritos filosóficos em língua portuguesa repetem uma lição teológico-monástica pouco atraente, valha a pena abraçar esta causa e apostar numa necessidade tão antiga quanto fora de moda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boosco Deleytoso*, edição de Augusto Magne, Rio de Janeiro, 1950.
- ORESME, Nicolau de, *Le livre du ciel et du monde*, translation of Albert Menut, Madison-London, 1968.
- PETRARCA, *De Vita Solitaria*, ed. bilingue, introd., trad. et notes de Christophe Carraud, Grenoble, 1999.
- BABBITT (1992), Jean, *Approches langagières de la société médiévale*, Caen.
- BABBITT (1985), Susan, *Oresme's Livre de Politiques and the France of Charles V*, Philadelphia.
- BARDY (1949), G. "Philosophia et philosophi dans le vocabulaire chrétien des premiers siècles», *Revue d'Ascétique et de Mystique*, t. XXV, 97-108.
- BENVENISTE, (1966), E., *Problèmes de linguistique générale*, Paris.
- BERTRAND (2004), Olivier, *Du vocabulaire religieux à la théorie politique en France au XIV^e siècle. Les néologismes chez les traducteurs de Charles V (1364-1380)*, Paris.

⁶⁴ Cf. *Livro dos Offícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro*, ed. crítica, segundo o ms. de Madrid, prefaciada, anotada e acompanhada de glossário por Joseph Piel, Coimbra, 1948.

⁶⁵ *Vocabulario portuguez, e latino: aulico, anatomico, architectonico (...) autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu ; [Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva], 1712-[1721], p. 364. Existe uma edição fac-similada em CD-ROM deste dicionário, publicada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2000.

- BURGUESS (1970), Glyn, *Contribution à l'étude du vocabulaire pré-courtois*, Genève.
- CHAURAND (1977), J., *Introduction à l'histoire du vocabulaire français*, Paris.
- CHENU (1954), M.-D, *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*, Montréal-Paris.
- CHENU (2001), M.-D, *Studi di lessicografia filosofica medievale*, a cura e con un saggio introduttivo di Giacinto Spinosa, Firenze.
- DARMESTER (1887), A., *La vie des mots étudiés dans leurs significations*, Paris.
- DOMÁNSKI (1996), Juliusz, *La philosophie, théorie ou manière de vivre? Les controverses de l'Antiquité à la Renaissance*, Paris.
- DUCHÁČEK (1960), Otto, *Le Champ conceptuel de la beauté en français MODERNE*, PARIS.
- GHELLICK (1947), J., ««Pagina» et «Sacra Pagina». Histoire d'un mot et transformation de l'objet primitivement désigné», in AA.VV., *Mélanges Auguste Pelzer. Etudes d'histoire littéraire de la Scolastique médiévale offertes à Monseigneur Auguste Pelzer*, Louvain, 1947, 23-60.
- GILSON (1981), E., *Linguistique et Philosophie. Essai sur les constantes philosophiques du langage*, Paris.
- GOUGENHEIM (2008), Georges *Les mots français dans l'histoire et dans la vie*, Paris.
- GUIRAUD (1959), P., *La sémantique*, Paris.
- HEMMING (1968), T.D., "Lexicology and old french", *Modern Language Review*, October 1968, 63, 818-823.
- HOLLYMAN (1957), K. J. *Le développement du vocabulaire féodal en France pendant le Haut Moyen Age: étude sémantique*, Haute-Savoie.
- KELLER (1953), H.E., *Étude descriptive sur le vocabulaire de Wace*, Berlin.
- LAFLEUR (1988), Claude, *Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle*, Paris-Montréal.
- LECLERCQ (1961), Jean, *Études sur le vocabulaire monastique au Moyen âge*, Romae.
- LECLERCQ (1963), Jean, *Études sur le vocabulaire de la contemplation au Moyen âge*, Romae.
- LECLERCQ (2008), Jean, *L'amour des lettres et le désir de Dieu*⁴, Paris.
- MALER (1964), B. (ed.), *Orto do Esposo*, correcções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados, Stockholm-Göteborg-Uppsala, vol. III.
- MARNOTO (1997), Rita, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo*, Coimbra.
- MARTINS (1944), Mário, "Petrarca no «Boosco Deleytoso»", *Brotéria*, vol. XXXVIII, 361-373.

- MATORE (1953), G., *La méthode en lexicologie*, Paris.
- MATTORÉ (1985), G., *Le Vocabulaire et la Société Médiévale*, Paris.
- MESSELAAR (1963), P. A., *Le vocabulaire des idées dans le 'Trésor' de Brunet Latin*, Assen.
- MCCLELLAND (1977), D., *Le vocabulaire des Lais de Marie de France*, Ottawa.
- OUY, (1998), Gilbert, *Gerson bilingue: les deux rédactions, latine et française, de quelques œuvres du chancelier parisien*, Paris.
- MIQUEL (1986), Pierre, *Lexique du désert. Étude de quelques mots-clés du vocabulaire monastique grec ancien*, Bégrolles-en-Mauges, 19-35.
- PARÉ (1941), G., *Le Roman de la Rose et la scolastique courtoise*, Paris-Ottawa.
- PARIS, (1906), G., *Mélanges Linguistiques*, ed. par Mario Roques, Fascicule II, Paris.
- PENCO, (1960), Gregorio, "La vita ascetica come "filosofia" nell'antica tradizione monastica", *Studia Monastica*, II, p. 79-93.
- PICOHE (1976), J., *Le vocabulaire psychologique dans les Chroniques de Froissart*, Paris.
- PRANGER (1995), *Bernard of Clairvaux and the shape of monastic thought: broken dreams*, Leiden-Köln.
- REY (1989), Alain, "Lexico-logiques, discours, lexiques et terminologies philosophiques", in André JACOB (dir.), *L'Univers philosophique*, Paris, vol. I, 776-781.
- STÄDLER, (2007), Thomas, «Le traducteur, créateur de néologismes: le cas de Nicole Oresme», in Olivier Bertrand et alii (ed.), *Lexiques scientifiques et techniques. Constitution et approche historique*, Palaiseau.
- TAMBA (1987), I. (ed.), *Études de lexicologie, lexicographie et stylistique. Textes offertes en hommage à Georges Mattoré*, Paris.
- TEEUWEN (2003), Mariken (ed.), *The vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages*, Turnhout-Belgique.
- TRENEL (1904), J., *L'Ancien Testament et la Langue française du Moyen Age (VIII-XV siècle)*, Paris, 1904 (reimpr. Genève, 1968).
- TRIER (1931), Jost, *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes*, I, 40-78.
- ULLMANN (1953), S., *Précis de sémantique française*, Berne.
- ZUMTHOR, (1958), Paul, „FR. Étimologie (essai d'histoire sémantique)», *Etymologica. Walther von Wartburg zum siebzigsten Geburtstag*, Tübingen.
- ZUMTHOR, (1955), Paul, «Notes sur les champs sémantiques dans le vocabulaire des Idées», *Neophilologus*, Julho de 1955, 175-183.
- ZUMTHOR, (1955), Paul, «Notes sur les champs sémantiques dans le vocabulaire des Idées II», *Neophilologus*, Outubro de 1955, 241-249.
- ZUMTHOR, (1956), Paul, «Pour une histoire du vocabulaire français des idées», *Zeitschrift für romanische Philologie*, 72, 1956, 340-362.

